

# O *médico* *sutil*

Medicina baseada em empatia

ANA CORADAZZI

**mg**

MG EDITORES

*O MÉDICO SUTIL*

*Medicina baseada em empatia*

Copyright © 2024 by Ana Coradazzi

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Revisão: **Michelle Campos**

Capa: **Buono Disegno**

Ilustração de capa: **Maltiaese/Shutterstock**

Diagramação: **Natalia Aranda**

Imagens do miolo: **Depositphotos**

(adquiridas pela autora)

## **MG Editores**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

*O médico é uma unidade biopsicológica móvel,  
portadora de conhecimentos especializados,  
e que vende serviços.*

RUBEM ALVES, *O médico à procura do ser humano*

Este livro é dedicado a todos aqueles que, contra todas as perspectivas, não permitem que sua arte — a Medicina — seja distorcida e restringida a ponto de ser comparável a um produto meramente comercial e, portanto, absolutamente substituível.

# Sumário

<i>Prefácio</i> — Júlia Jalbut . . . . .	9
O médico sutil . . . . .	13
As mães da ginecologia . . . . .	17
O caminho do doutor. . . . .	23
As sandálias da humildade . . . . .	29
Os vulneráveis. . . . .	33
Abusivos . . . . .	39
E viva a diferença . . . . .	45
As plantas do seu jardim. . . . .	51
O pulso que (ainda) pulsa . . . . .	55
E o Oscar vai para... . . . .	59
E não é que Hipócrates estava certo?. . . . .	65
Educadíssimos . . . . .	69
Em movimento . . . . .	73
Esperança . . . . .	77
E da escuridão fez-se a luz . . . . .	83
Papo de médico . . . . .	87
Intuitivos. . . . .	91
Decepcionados (o outro lado da Força). . . . .	97
Lobos solitários . . . . .	101
Entre os hospitais e o caos . . . . .	105



# Prefácio

“Bom dia, doutora!”  
“Tudo bem, doutora?”  
“Deseja a conta, doutora?”

*Assim que comecei* a trabalhar em um renomado hospital de São Paulo, recebi um crachá. Não sou médica, mas a presença daquele pedaço de plástico pendurado na minha camisa permitiu que eu sentisse o gostinho de ser tratada como tal. No começo, eu fazia questão de corrigir: “Não sou doutora. Pode me chamar de você”. Porém, a cada pessoa que eu avisava sobre minha ocupação, surgiam mais três que me colocavam de volta ao lugar que não me cabia ocupar.

Na impossibilidade de lutar contra o erro, me abri a brincar com ele. Resolvi, então, fazer um experimento: como é ser tratada como médica? Não precisei de muito tempo para perceber que os outros médicos me olhavam com cumplicidade e, do garçom do restaurante — passando pelos visitantes, familiares e pacientes — ao taxista que às vezes me levava para casa, todos eles pareciam me olhar com uma camada extra de respeito e curiosidade. Eu não era mais apenas uma pessoa. Era uma entidade. Doutora.

Já estive também por muitos anos do outro lado: não como paciente, mas como acompanhante. Meus pais adoeceram simultaneamente quando eu tinha 22 anos. Vivi ao lado deles 12 intensos anos de tratamentos, cirurgias e internações.

De início, a cardiopatia e a diabetes do meu pai, além do câncer da minha mãe, ocupavam todo o tempo das consultas médicas, enquanto as angústias de cada um, suas histórias de vida, crenças e

interesses eram ignorados por completo — assim como os meus. O foco estava em tratar (a parte), enquanto o cuidado (à pessoa inteira) ficava de lado. É justamente nesse contexto que Ana Coradazzi nos provoca: sim, avançamos muito em tecnologia e em procedimentos. Sim, estamos vivendo cada vez mais, é um fato. Mas *como* estamos vivendo?

Para a autora, não se trata de descartar o que foi conquistado ao longo dos últimos anos, mas de reconhecer que, assim como um olhar atento aos tratamentos e sintomas, às partes que nos compõem, é essencial olharmos para o todo. O médico sutil é aquele que se abre a escutar as queixas, mas também vê além delas. Quais são as angústias do paciente? Quais são as suas forças? Como ele vive? O que lhe traz prazer, o que lhe faz sentir medo? Todas essas informações, impossíveis de medir, precisam de um olhar tão cuidadoso quanto os níveis de glicose e saturação.

Mas como se abrir para essa escuta profunda numa cultura apressada, consumista e imediatista? Como um médico pode ser humano quando se espera dele o comportamento e o poder de um deus?

Ana, que é oncologista clínica e pós-graduada em Cuidados Paliativos, não tem a pretensão de oferecer todas as respostas. No entanto, como entusiasta da medicina sem pressa (Slow Medicine), ela defende uma abordagem com tempo para escutar (e escutar-se), para pensar de forma profunda, sempre olhando para a pessoa como um todo. Nesse sentido, ela fala sobre a necessidade de estabelecer limites e de cultivar nossa humanidade para além dos conhecimentos técnicos, bem como sobre a importância do autoconhecimento como base fundamental de uma aliança terapêutica saudável. Só assim o paciente tem a possibilidade de ser um agente da própria saúde e o médico, o seu aliado — e não uma entidade soberana, distante e desumana.

É sempre bom lembrar que, para colocar um paciente no centro do cuidado, é preciso também estar no centro. É necessário ter consciência das próprias limitações. Aprender a ouvir. Silenciar. Observar.

Colocar o outro no centro passa, sobretudo, pela forma como vivemos, pelas atitudes que cultivamos internamente e transbordam para o outro. A fim de acolher a humanidade do outro, preciso me familiarizar com a minha humanidade e cultivá-la. O que inclui minhas forças e dificuldades, minha luz e minha sombra.

Na minha história com meus pais, pude ver na prática como essa mudança de paradigma impactou nossa experiência. Para além dos aspectos duros e dolorosos, foi engrandecedor entrar em contato com possibilidades de cura que iam muito além da eliminação da doença. E isso foi possível não apenas graças aos nossos esforços, mas também ao amparo dos profissionais que nos acompanharam: médicos, psicólogos e terapeutas. Acredito também que essa seja uma via de mão dupla: ao oferecer acolhimento e um olhar generoso para a humanidade do outro, o profissional tem a oportunidade de se humanizar ainda mais. Todos ganham nessa relação — que vem a ser muito mais do que uma transação: trata-se de uma forma profunda de cuidar e ser cuidado, que envolve respeito, afeto e responsabilidades mútuas.

O livro que você tem em mãos lhe fará muitos convites para repensar sua visão da saúde, de como você cuida de si e dos outros e de quanto se permite ser cuidado. Qual o papel de um médico? E de um paciente? Minhas escolhas promovem saúde ou se voltam para abafar sintomas? Sou ativo ou reativo? Vivo como uma máquina ou me cerco daquilo que me faz ser humano? Na minha vida, há espaço para a contemplação, a beleza, a intuição e a criatividade? Afinal, eu me cuido de verdade?

Ana Coradazzi traz reflexões urgentes e fundamentais acerca do cuidado e dos rumos da medicina. Trata-se de uma conversa crucial para profissionais da área da saúde — e também para pacientes, uma vez que todos nós, sem exceção, sustentamos um paradigma que se revela adoecido e adoecedor. O que este livro faz é abrir várias conversas ricas e frutíferas sobre esses temas.

*O médico sutil* é uma obra que pode ser lida em um dia, degustada aos pouquinhos ou utilizada como uma espécie de oráculo.

Pode parecer estranho, mas explico: os capítulos são curtos, mas trazem consigo reflexões profundas. Quando comecei a ler o manuscrito, me lembrei de uma tia que, todas as manhãs, consultava um livrinho chamado *Minutos de sabedoria*. A página era aberta aleatoriamente e a reflexão nela contida era levada como uma espécie de contemplação para todo o dia. O livro de Ana tem este poder: cada capítulo traz consigo um convite à reflexão, que eu chamaria de semente. Que você, leitor, possa cultivar cada uma dentro de si, despertando para novas perguntas e maneiras de ver a si mesmo, ao outro e à vida. Boa leitura!

JÚLIA JALBUT

Autora de *Uma casa que não pode cair* (Editora Planeta) e membro do Núcleo de Cuidados Integrativos do Hospital Sírio-Libanês

# O médico sutil

*É necessário sentir a sutileza da parte  
para compreender o significado do todo.*

LÉO DA SILVA ALVES

*Na Europa do* século 19, a infecção pela sífilis era uma condição generalizada. Sem um bom tratamento disponível na época, a sífilis se disseminou sem obstáculos, num movimento avassalador e dramático. Muitas vítimas da doença desenvolveram suas complicações e perderam a vida por isso. Entre elas, era comum a aortite sífilítica, que resultava na dilatação da raiz aórtica e causava insuficiência grave da válvula aórtica, levando à insuficiência cardíaca congestiva grave e, invariavelmente, à morte. Com a abundância de pessoas sofrendo com a doença, muitos médicos se esmeraram em descrever seus sinais e sintomas, como o pulso arterial em martelo d'água (o pulso de Corrigan) e o sopro cardíaco de Austin Flint. Na vasta maioria dos casos, os sinais eram batizados com os nomes dos dedicados profissionais que os haviam descrito, o que os eternizaria nos compêndios médicos (e, certamente, afagaria um pouco sua autoestima). Mas o sinal de Musset foi um caso à parte.

Em meados de 1900, o médico francês Armand Delpuech (1856-1901) estava lendo um trecho da biografia de Alfred de Musset (1810-1857)<sup>1</sup>, poeta romântico e dramaturgo também de nacionalidade francesa, escrita anos antes por seu irmão Paul. Na obra, é descrito um acontecimento matinal no qual Musset está tomando o

---

1. MUSSET, P. *Biography of Alfred de Musset*. Boston: Roberts Brothers, 1877.